

Brexit

Brexit? Corona!

Em Inglaterra, tudo gira em torno do corona. O facto de se estar a negociar o Brexit com a UE tornou-se secundário. Já ninguém ouve as declarações do primeiro-ministro.

Uma reportagem de Bettina Schulz, Londres



Atracção turística em Brighton: a Upside Down House é um museu em que tudo está virado de cabeça para baixo.
© Peter Nicholls/Reuters

Final do dia de sábado em Londres. É o primeiro dia em que a capital se vê de novo obrigada a cumprir normas sanitárias mais duras. O governo decretou o nível de emergência «elevado» na metrópole de nove milhões de habitantes. As pessoas de diferentes agregados familiares deixaram de se poder encontrar, nem em casa nem no *pub*.

Quem neste fim de dia se dirigir a alguma diversão nocturna não encontrará muita gente pelo caminho. Um jovem atravessa a rua em passo apressado. «Brexit? Não — sou enfermeiro. Vou para o hospital, faço o turno nocturno. Por causa do corona, percebe?» Não ouviu falar da ameaça de Boris Johnson de abandonar as negociações em torno de um acordo de comércio livre. A pandemia é mais importante.

O Brexit já há muito se esgotou como tema de conversa. As pessoas estão mais preocupadas com a ideia de perderem o emprego ou em saber se o ministro das Finanças Rishi Sunak continua a pagar a perda do salário. Não interessa saber se David Frost, que lidera as negociações do lado britânico, consegue de algum modo chegar a consenso com o seu interlocutor, Michel Barnier.

Mesmo no maior bar da localidade, o Wetherspoon-Pub, tudo gira em torno do corona. Há um ano, o seu fundador, Tim Martin, ainda afixava cartazes sobre o Brexit e apelava ao «No Deal» no boletim do bar. Afinal de contas, este profissional da restauração quer importar vinho da Austrália e da Nova Zelândia sem ter de pagar impostos. Contudo, entretanto, Martin já não vocifera contra a UE, mas sim contra o governo britânico, já que está a prejudicar o seu negócio com as medidas anti-corona.

Ambiente desconsolado entre clientes solitários

Em frente ao bar, os seguranças dispersam jovens que já não se podem encontrar em grupo. Lá dentro, as mesas estão afastadas. O ambiente de aconchego deu lugar ao desconsolo. Escondidos atrás da máscara, os empregados servem figuras aqui e ali, sentadas às mesas, algo solitárias. Ao balcão já ninguém pode estar.

«O Johnson é um fanfarrão. Não quer assinar um acordo com a UE, apesar de isso estar errado», suspira um homem de mais idade em conversa com outro rosto cansado. «É mau para a nossa economia», balbucia o companheiro. «A BMW subsidia os *Mini* e os *Rolls-Royce*. Se deixarem de o fazer...», diz ele. Não querem revelar se em 2016 votaram a favor do Brexit. Têm a esperança de que os «homens de fato cinzento» dos ministérios obriguem Johnson a chegar a acordo com a UE.

[vídeo]



Grã-Bretanha — Johnson aposta no Brexit duro

Na contenda em torno do acordo comercial com a UE, o primeiro-ministro conta com uma ruptura dura sem acordo. A chanceler alemã Angela Merkel declarou estar preparada para fazer compromissos.

© Foto: GettyImages

Nem todos andam tão pensativos. Do outro lado da sala estão três homens a beber cerveja, *T-shirts* pretas, muitas tatuagens. São de Liverpool, dizem eles. Basta mencionar o Brexit e um deles desata logo a rir. «Esse já vem mas é tarde. É alemã? A Merkel é uma ditadora. O francês também. Querem decidir tudo na Europa. Não queremos fazer parte disso.»

Os dois companheiros parecem algo embaraçados. Mas ele prossegue: «Não precisamos da UE. *Rule, Britannia!* É assim há 1000 anos», clama ele. Diz que é isto que pensam todos os ingleses lá em cima, em Liverpool. Aqui em baixo, em Londres, a mentalidade já só é europeia. «Também podemos erguer um muro à nossa volta. Somos autónomos. Não precisamos de nada que venha de fora», considera ele.

Um acordo com o Canadá? Com a Austrália?

É esta a ladainha que, há anos, é disseminada pelos meios de comunicação da direita populista, o partido do Brexit e os deputados ultraconservadores. Mas agora que se trata de discutir os pormenores do acordo de comércio livre, já ninguém ouve falar deles.

Mas as gentes aqui no *pub* dificilmente conseguem compreender a propaganda exibida por Johnson. Ainda na sexta-feira parecia que o primeiro-ministro tinha abandonado as negociações com a UE. Só quem tivesse escutado mesmo as suas palavras teria reparado que Johnson teimava apenas em obter mais concessões, na verdade quanto a pontos relativamente aos quais a UE já tinha sinalizado a disposição de ir ao seu encontro. Mas então o governo britânico não tinha cancelado as conversações marcadas para segunda-feira entre Frost e Barnier? Não. Questionou-se apenas a visita de Barnier.

Esta semana, as conversas continuarão por telefone. Mas então por que razão se queixa Johnson de que a UE não concede aos britânicos um acordo com o Canadá? Porque o governo britânico não quer um acordo com o Canadá. Johnson insiste num comércio livre que a UE não acordou com o Canadá. Além do mais, Johnson quer ainda mais concessões da parte da UE. Mas será que basta um *deal* como o que já tem com a Austrália?

Cuidado: Johnson nunca usou a palavra «deal» relativamente à Austrália, já que a UE não tem um acordo de comércio livre com este país. A referência à Austrália serve unicamente para falar da saída não regulamentada da UE, o *No Deal*.

Para lá das preocupações do dia-a-dia

E brinca-se assim com as pessoas. O que acontece nos bastidores das negociações passa de qualquer modo completamente ao lado de todas as suas preocupações quotidianas. As conversas em Bruxelas ou Londres são tão técnicas que até os especialistas têm dificuldade em entender se as declarações proferidas são propaganda, truques de negociação, mentira ou verdade.

Nas últimas semanas, foi-se desenhando um consenso em muitos domínios. Mas a UE insiste em obter mais concessões da parte dos britânicos. Só então abordará o tema das pescas. Os britânicos consideram esta estratégia injusta e exagerada. Só depois de todos os pontos em litígio terem sido resolvidos os 27 Estados-Membros da UE deverão dar início ao processo final da fase «intensiva», no qual serão formulados os textos jurídicos do acordo de comércio livre. Se dependesse deles, os britânicos começariam já. Apesar das acusações mútuas, a verdade é que ambas as partes são a entender que ainda não estão dispostas a desistir.

«Quer um acordo de comércio livre com a UE?», perguntou no domingo Andrew Marr, o moderador televisivo da BBC, a Michael Gove, braço direito de Johnson. «Sim», foi a resposta do ministro do Conselho de Ministros. No domingo, 21 associações profissionais da Associação Industrial do Reino Unido apelou a que se alcançasse um acordo o mais rapidamente possível: «A economia enfraquece a cada dia que passa».

Com ou sem acordo, as pessoas compram telemóveis

No bar, um dos três homens de preto fica pensativo. «Para lá com isso», rosna ele para o defensor da linha dura do Brexit, que entretanto já fala do Dia D e da guerra. Sob a *T-shirt* preta, no braço esquerdo, espreita uma coroa tatuada. Tenta compreender os argumentos económicos. «Mas eu trabalho em Liverpool, nas telecomunicações. As pessoas não vão deixar de comprar telemóveis. Por isso, para mim, não muda nada — com ou sem acordo», considera.

Parece estar ouvir pela primeira vez alguns dos argumentos económicos: que, sem acordo, os preços vão subir devido às taxas alfandegárias aplicadas às mercadorias com origem na UE; que a desvalorização da libra vai encarecer as suas férias em Espanha; que, a longo prazo, haverá menos empregos em Liverpool porque a indústria receberá menos encomendas da UE.

O camarada patriótico da *Britannia* já nem ouve. Irritado, levantou-se da mesa. Mas o vendedor de telemóveis fica a pensar. «Eu cresci já dentro da UE. Não conheço outra realidade», diz ele, algo inseguro. Tem a esperança de que, lá em Liverpool, o Brexit não faça uma diferença assim tão grande.

Estende então educadamente a mão, corona para lá, corona para cá.

Artigo original: <https://www.zeit.de/politik/ausland/2020-10/brexit-grossbritannien-verhandlungen-freihandelsabkommen-aengste-diskussionen>

Pura Communications – Tradutora: Ana Pinto Mendes